

An abstract graphic of a circuit board pattern, rendered in dark gray lines on a light gray background. The pattern consists of numerous interconnected lines of varying thicknesses, some ending in small circles, creating a complex, branching structure that resembles a neural network or a microchip layout. It is positioned on the right side of the page, partially overlapping the orange banner.

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 4

NAVEGAR E EDUCAR NA WEB. AS REDES SOCIAIS COMO ESPAÇOS DE COMUNICAÇÃO, PARTILHA DE CONHECIMENTO E DE PROMOÇÃO DE COMPETÊNCIAS DE APRENDIZAGEM

J. António Moreira

Departamento de Educação e Ensino a Distância, Universidade Aberta, Rua da Escola Politécnica, 147, 1269-001 Lisboa, Portugal

Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20/UC)

Unidade Móvel de Investigação de Estudos do Local (ELO/UAb)

Paulo Manuel Costa

Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais, Universidade Aberta, Rua da Escola Politécnica, 147, 1269-001 Lisboa, Portugal

Unidade Móvel de Investigação de Estudos do Local (ELO/UAb)

Cristina Pereira Vieira

Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais, Universidade Aberta, Rua da Escola Politécnica, 147, 1269-001 Lisboa, Portugal

Unidade Móvel de Investigação de Estudos do Local (ELO/UAb)

Centro Interdisciplinar de Estudos de Género (CIEG)

RESUMO

A aprendizagem em rede e as potencialidades do *software* social trouxeram novos e estimulantes desafios para os sistemas educativos e para os seus profissionais. Um dos principais desafios prende-se com a necessidade de conceber uma “nova” didática para a docência na *web* social que deve basear-se não só nos conhecimentos científico, tecnológico, curricular e pedagógico, mas também num conhecimento científico e pedagógico da tecnologia que permita planear, conceber e utilizar as redes sociais, como o Facebook, no processo de ensino-aprendizagem de forma eficaz.

Assim, e perante esta realidade, neste estudo exploratório procurámos perceber em que medida a utilização do *Facebook* no processo de ensino-aprendizagem permite a promoção de competências de aprendizagem de estudantes de cursos pós-graduados, a nível da capacidade para aprender, da iniciativa e da autonomia. Os resultados sugerem que os estudantes aceitam o *Facebook* como um novo contexto para a aprendizagem, que não impede a reflexão crítica sobre os conceitos e as temáticas apresentadas para trabalho, possibilitando o desenvolvimento de comunidades de aprendizagem desde que exista uma intencionalidade educativa explícita.

Palavras-chave: educação online, web social, web 2.0, redes sociais

ABSTRACT

Networked learning and the potential of social software brought new and exciting challenges for education systems and their professionals. One of the main challenges is related to the need to design a “new” didactic to teach in the social web, that should be based not only on scientific, technological, curricular and pedagogical knowledge, but also on scientific and pedagogical knowledge of technology allowing the planning, design and effective use of social networks such as Facebook in the teaching process. Given this reality, in this exploratory study we sought to understand if the use of Facebook in teaching-learning process allows the promotion of learning skills of students of post-graduate courses, at the level of ability to learn, initiative and autonomy. The results suggest that students accept Facebook as a new context for learning, that not prevent critical reflection on the concepts and issues presented for work, allowing the development of learning communities, since there is an explicit educational intentionality.

1 | INTRODUÇÃO

As tecnologias digitais e as redes sociais constituem-se, nos dias de hoje, como pólos privilegiados de referência cultural para os estudantes e urge, pois, tirar partido desse facto explorando as suas potencialidades (Moreira & Januário, 2014). Estas tornam possível realizar aprendizagens individualizadas, respeitando e indo ao encontro de experiências, estilos e formas de aprender diferenciadas, assim como obter aprendizagens que exijam participação por parte de quem aprende, envolvendo-o em situações e experiências dinâmicas que fazem apelo a novas formas de interatividade (Sol & Moreira, 2012).

O novo *campus* virtual em rede sustenta métodos de ensino-aprendizagem abertos, colaborativos e a distância, com potencialidades de acompanhamento e amplificação do conhecimento, com a otimização de capacidades individuais e grupais, tendo a tecnologia como suporte.

As redes sociais e sua utilização lançam, assim, desafios na organização de recursos e atividades e na sua exploração de acordo com os objetivos de aprendizagem, enquanto processo que se pretende interativo e colaborativo.

A forma como é experienciada a exploração destas salas de aula virtuais em rede refletir-se-á na aferição da sua eficácia e na perceção que cada um terá da sua vivência em modelos de aprendizagem autónomos.

Os modelos de aprendizagem implementados nestes ambientes em rede têm o atributo de alimentar a reflexão e de poderem servir como referenciais para a delineação, a implementação de práticas e a análise dos processos de interação e colaboração no seio das comunidades virtuais de aprendizagem (Garrison & Kanuca, 2004).

No entanto, importa ter presente que a implementação de práticas de educação em rede deve ser acompanhada de um processo de aferição das mesmas,

como forma de recolha de informações úteis que permitam julgar da adequação de possíveis soluções práticas.

Assim, e perante esta realidade, parece-nos de evitar os modelos de organização curricular “pré-digitais” centrados numa organização rigidamente hierárquica de conteúdos estáticos sob o controlo do professor. Pelo contrário, as questões que agora se colocam terão de se relacionar com a melhor forma de desenvolver currículos inspirados na *Web 2.0*, que possam ser negociados em vez de prescritos, e que proporcionem o desenvolvimento de competências para acederem ao conhecimento.

Com este capítulo, e tendo em conta a nossa experiência pedagógica na Universidade Aberta em unidades curriculares de pós-graduação lecionadas em ambientes de aprendizagem abertos, pretendemos avaliar a potencialidade das redes sociais enquanto espaços de comunicação e partilha de conteúdos e analisar o impacto destes novos cenários pedagógicos *online* na perceção das competências de aprendizagem de estudantes de pós-graduação.

2 | AS REDES SOCIAIS E A AUTO-APRENDIZAGEM EM CONTEXTO EDUCATIVO

As redes sociais não são um fenómeno recente, nem tão pouco surgiram com a *web*, sempre existiram na sociedade, motivadas pela necessidade que os indivíduos têm de partilhar entre si conhecimentos, informações ou preferências. Porém, como afirma Recuero (2009), as mais recentes descobertas tecnológicas, que propiciaram o surgimento do ciberespaço, permitiram a sua emergência como uma forma dominante de organização social.

Franco (2012) define redes sociais como “um processo de socialização, algum tipo de interação coletiva e social, presencial ou virtual, que pressupõe a partilha de informações, conhecimentos, desejos e interesses”.

Assim, e sendo as redes sociais espaços coletivos e colaborativos de comunicação e de troca de informação, podem facilitar a criação e desenvolvimento de comunidades de prática ou de aprendizagem desde que exista uma intencionalidade educativa explícita. Estas comunidades virtuais têm-se afirmado como uma importante alternativa à aprendizagem e aos contextos organizacionais tradicionais e, ao serem suportadas pelas modernas tecnologias, tornaram-se na atualidade mais visíveis. Elas apresentam ambientes intelectuais, culturais, sociais e psicológicos que facilitam e sustentam a aprendizagem, enquanto promovem a interação, a colaboração e o desenvolvimento de um sentimento de pertença dos seus membros.

Neste contexto, se aceitarmos que os ambientes virtuais são ferramentas inovadoras para a criação de comunidades de aprendizagem, é crucial reconhecer a necessidade de uma nova perspetiva na criação de contextos de aprendizagem. Assim, perceber como se pode ensinar e aprender, formal ou informalmente, em espaços abertos e de aprendizagem colaborativa, em redes sociais na *internet* (RSI), como o *Facebook*, é um dos grandes desafios que se colocam a todos os educadores (Moreira & Januário, 2014).

Tirando partido da sua crescente popularidade junto dos jovens, os professores têm procurado explorar as potencialidades educativas desta rede. No entanto, tem-se revelado um desafio complexo, porque é necessário que os professores dominem os recursos e aplicativos e os utilizem de forma adequada, sem fazer da rede social apenas um repositório de informação digital estático. Não tendo sido criada com objetivos educativos, o desafio é, pois, aproveitar esta tecnologia da *Web 2.0* para construir novos ambientes de aprendizagem estimulantes. Para isso, os professores precisam de otimizar a rede, promovendo uma forma de aprender com objetivos bem delineados, metodologias e avaliações bem claras e coerentes com os princípios de uma aprendizagem que se deseja colaborativa e construtivista (Moreira & Januário, 2014).

O *Facebook*, como recurso ou como ambiente virtual de aprendizagem, possibilita que o professor reinterprete a forma de ensinar e de aprender num contexto mais interativo e participativo. É interessante notar que alguns estudos que compararam o uso do *Facebook* com sistemas de gestão de aprendizagem, como o *Moodle*, o *Blackboard* ou o *WebCT*, têm revelado que os estudantes preferem comunicar pelo *Facebook* (Chu & Meulemans, 2008; Schroeder & Greenbowe, 2009).

Também em Portugal, Patrício e Gonçalves (2010) procuraram analisar o potencial educativo do *Facebook* e concluíram que a rede fomenta uma participação mais ativa dos estudantes na sua própria aprendizagem, na partilha de informação e na geração de conhecimento.

As investigações de Menon (2012), Pellizzari (2012) e Alias *et al.* (2013) sublinham estes resultados com graus de envolvimento e participação muito elevados.

Por sua vez, Llorens e Capdeferr (2011) concluem que o *Facebook* tem um enorme potencial do ponto de vista da aprendizagem colaborativa, porque: favorece a cultura de comunidade que se fundamenta em valores à volta de um objetivo comum e que gera sentimentos de pertença e de aprendizagem social; permite abordagens inovadoras de aprendizagem, possibilitando, por um lado, a construção do conhecimento e o desenvolvimento de competências, e por outro, a aprendizagem ao longo da vida e atualização profissional mediante a colaboração entre pares; e, permite a apresentação de conteúdos com recursos integrantes da rede social, como vídeos, produtos multimédia, blogues...

Contudo, é importante notar que a rede social *Facebook* não foi criada para ser utilizada como um ambiente virtual de aprendizagem, embora esta e outras redes estejam a ser utilizadas como tal. E sendo assim, um dos desafios que se coloca ao professor é perceber como poderá utilizar pedagogicamente esta plataforma, porque é necessário também estar consciente de que a sua utilização pressupõe alguns riscos, como, por exemplo, a superficialidade e a dispersão das intervenções ou a substituição de recursos educativos validados cientificamente por outros de qualidade “duvidosa”, e por isso há que estabelecer previamente regras e códigos de conduta, tal como em qualquer ambiente de aprendizagem, quer seja presencial, quer seja *online* (Llorens & Capdeferr, 2011).

Apesar disso, estamos perante tecnologias da *Web 2.0* que possuem um potencial pedagógico e perante novos cenários educativos onde predominam espaços de aprendizagem colaborativos e interativos, onde existe autonomia e flexibilidade, assumindo-se o cibernauta como um sujeito ativo que vai construindo o seu próprio conhecimento em ambientes personalizados de aprendizagem (Moreira & Januário, 2014).

Esta situação evidencia a atualidade e pertinência do estudo que aqui apresentamos e justifica a relevância de que se produza conhecimento acerca das potencialidades das redes sociais, nomeadamente do *Facebook*. Isto porque, e destacando as palavras de Basso *et al.* (2013), o *Facebook* apresenta-se como um enorme desafio à educação, na medida em que pode proporcionar um processo dinâmico de ensino-aprendizagem do qual os estudantes se sentem parte integrante. Ao fazerem parte desse processo, revelam-se estudantes competentes na arte de *aprender*, com ações mais autónomas e maior responsabilidade na construção do seu próprio conhecimento (Basso *et al.*, 2013).

Com efeito, o conceito de competência de aprendizagem aqui em análise é uma variável preditiva da relação académica, relacionada com uma atitude de abertura em relação às oportunidades de aprendizagem proporcionadas pelas experiências do quotidiano e com a capacidade de utilizar de forma eficaz essas experiências formais e informais. Assim, empenhar-se na aprendizagem é despertar em si mesmo as capacidades de auto-suficiência, de auto-responsabilidade, de auto-confiança na prossecução dos objetivos e de participação ativa nos vários contextos sociais, qualidades estas necessárias em todas as situações de vida (Nyhan, 1996).

Como se sabe, a capacidade para aprender por si mesmo é, atualmente, um requisito essencial para ter sucesso em contexto escolar. Um estudante autónomo é aquele que consegue identificar uma necessidade de aprendizagem e que usa os seus recursos pessoais eficazmente, utilizando de forma sistemática e flexível as suas capacidades cognitivas, sociais e de criatividade (Lima Santos *et al.*, 2000).

A Recomendação do Parlamento Europeu e Conselho da União Europeia (2006) a propósito das competências essenciais para a aprendizagem ao longo da vida afirma que a competência de «aprender a aprender» está na base de qualquer aprendizagem. O indivíduo deverá ser capaz de dedicar tempo a aprender de maneira autónoma e com autodisciplina, mas também de aprender em equipa, tirando partido das vantagens de trabalhar com um grupo heterogéneo e de partilhar em grupo os conhecimentos adquiridos (Parlamento Europeu & Conselho da União Europeia, 2006).

Assim sendo, mais do que aprender, aprender a aprender constitui um importante meio para progredir, para enriquecimento e bem-estar pessoal e social. Esta dimensão controlada e de regulação para a promoção da capacidade de competir, cooperar e agir é, cada vez mais, determinante para o indivíduo e para a sociedade, pelos conhecimentos que soube adquirir, construir e mobilizar (Lima Santos *et al*, 2000).

Atualmente, muitas vezes associado a uma filosofia educacional de aprendizagem centrada no estudante, o termo autoaprendizagem emerge em ambientes de aprendizagem *online*. Quer dizer, a relação entre autoaprendizagem e o modelo educacional proposto é ampla e flexível, permitindo várias modalidades de condução do processo, seja presencial ou a distância (Alonso *et al*, 2005). A aposta na autoaprendizagem põe em relação direta o aluno, os objetos de aprendizagem e os conteúdos. No entanto, separa o aluno, no centro do processo, dos agentes educacionais externos. Neste mesmo sentido, Kaufmann (2010) define etapas fundamentais para a autoaprendizagem eficaz, desde o estar pronto para aprender ou interessar-se, passando pela definição de objetivos de aprendizagem, envolvimento, utilização de recursos, até ao momento da avaliação e participação na comunidade de aprendizagem.

Deste modo, empenhar-se na autoaprendizagem é despertar em si mesmo as capacidades de autossuficiência, de autor-responsabilidade, de autoconfiança na capacidade de atingir objetivos e de participação ativa nos vários contextos (Lima Santos *et al*, 2000).

3 | METODOLOGIA

Do nosso estudo fizeram parte 20 estudantes do curso de Mestrado em Super-visão Pedagógica da Universidade Aberta. Este é um curso que se destina a professores de qualquer nível de ensino e a formadores nos vários ramos da formação, tendo como principais objetivos: o desenvolvimento de processos centrados na análise, na reflexão, na experimentação na desconstrução/construção de contextos para ensino-aprendizagem; e a construção de um perfil alicerçado em quatro dimensões que suportam o sentido da supervisão: a dimensão ética, a dimensão formativa, a dimensão relacional e social e a dimensão investigativa.

Nesta investigação, a pesquisa empírica assenta na utilização de uma metodologia de cariz qualitativo, com recurso à aplicação de um questionário individual aos estudantes. Do questionário, constituído por dois grupos (o grupo I com questões fechadas e o grupo II com questões abertas) foi utilizado apenas uma parte do grupo II. Apoiados na Escala de Competência de Auto-Aprendizagem (ECAA), adaptada a partir de Lima Santos, Rurato e Faria (2000), três questões de resposta aberta eram sobre as seguintes dimensões da aprendizagem: a *capacidade para aprender*, a *iniciativa* e a *autonomia*. Assim:

- a questão *a)* pedia que os estudantes refletissem sobre a sua capacidade para aprender no *Facebook* e a respetiva responsabilidade nesse processo;
- a questão *b)* incidia sobre a sua iniciativa na escolha das temáticas, tópicos e conteúdos desenvolvidos e a sua iniciativa na colocação de questões ou desafios aos restantes participantes; e, por fim,

- a questão c) abordava a autonomia que sentiam para selecionar as fontes e os recursos utilizados nas intervenções efetuadas e a gestão realizada nessas participações.

Quanto à caracterização da amostra, 11 estudantes eram do sexo feminino e 9 do sexo masculino. Em relação à idade, o maior número de participantes tinha mais de 51 anos (7), sendo que apenas 2 se situavam no escalão dos 24 aos 30 anos, os outros 6 tinham entre 31 e 40 anos e os restantes 5 situavam-se no escalão dos 41 aos 50 anos.

Tendo em conta que a determinação da amostra não foi estatística, os dados obtidos não se podem considerar representativos da população estudantil do ensino superior, pelo que a presente investigação tem sobretudo um carácter exploratório, refletindo a perceção de um grupo de estudantes sobre a sua experiência de utilização do *Facebook* no processo de aprendizagem.

4 | APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 | Capacidade para aprender

Os participantes desta investigação quando questionados sobre a capacidade para aprender através do *Facebook*, de uma maneira geral, reconhecem o espaço como um novo contexto de aprendizagem formal. E deixam ainda perceber a sua importância na discussão mais descontraída das temáticas – situação demonstrada quer pelos discursos, quer pela forma de escrita.

E1 – 39a F

Considero que a aprendizagem na rede social é bastante interessante, achei o ambiente mais convidativo e mais fácil de trabalhar que os fóruns, uma vez que visualmente se tornam mais apelativos e de acesso mais simples (não que os fóruns sejam complicados, são só menos “divertidos”).

E3 – 43a M

Entendo que foi importante ter um meio de aprendizagem “diferente” que permite uma discussão sobre os temas mais informal e portanto mais facilitadora.

Estes entendimentos mostram que esta é uma ferramenta facilitadora da aprendizagem, porque de alguma forma os estudantes sentem-se familiarizados com este espaço em rede. Em alguns discursos fomos percebendo que, associado a um entendimento do *Facebook* como a rede social do quotidiano, surgem manifestações de agrado e surpresa com a forma como foi possível discutirem assuntos mais reflexivos, dado que não é este o registo habitualmente usado.

Apesar da utilização do *Facebook* como espaço de aprendizagem ser uma experiência inédita, os estudantes conseguem conceber este ambiente de comunicação informal e descontraída, como um possível espaço de trabalho e aprofundamento de conceitos.

E6 – 54a F

Muito tenho de aprender com esta rede social. Desconhecia as suas particularidades de se poder discutir um assunto tão profundamente como o fizemos. Pareceu-me ser um ótimo fórum de discussão, tal como são os outros fóruns das unidades curriculares.

E5 – 62a M

Devo confessar que não era utilizador assíduo desta rede social para estudos. Todavia, confirmei a sua grande utilidade como meio de estudo em grupo.

E4 – 30a M

Esta foi a minha primeira experiência pedagógica que ocorreu na rede social facebook que permitiu que a leitura da bibliografia aconselhada, fosse debatida de forma muito interativa e dinâmica no aprofundamento de alguns conceitos e que nos permitiu em simultâneo transportar esses conceitos para analisar diversas realidades e problemáticas que nos preocupam enquanto educadores, mas também enquanto cidadãos.

A capacidade de aprendizagem neste espaço é ainda reforçada pela forma interativa da aprendizagem. Manifestando, por vezes, um sentimento de cumplicidade, os estudantes assumiram a responsabilidade de interagir com os colegas e perceberam esta situação como um fator importante no processo de ensino/aprendizagem. Tal como já foi referido em investigações anteriores (Vieira, Moreira & Costa, 2013), os indivíduos aprendem quando integrados em comunidades nas quais o conhecimento é construído através da interação no âmbito de atividades colaborativas de intercâmbio social. Apesar da consciência da importância do contexto interativo para a implementação de competência de aprendizagem não ser novidade, dado que essa é a

base do modelo pedagógico do 2.º e 3.º ciclos da Universidade Aberta, os estudantes realçam esta continua partilha implementada no Facebook como algo que os impulsionava a pesquisar para dar resposta aos temas/desafios colocados pelos colegas – sendo isso visto como uma condição essencial para aprenderem. Desta forma, os estudantes deixaram perceber o potencial educativo do *Facebook*, enquanto rede que fomenta uma participação mais ativa dos estudantes na sua própria aprendizagem, na partilha de informação e na geração de conhecimento – conclusão já percebida em outras investigações em Portugal (Patrício & Gonçalves, 2010).

E10 – 57a F

(...) a interatividade permitiu-me preencher lacunas, rever pontos de vista e descobrir cumplicidades.

E11 – 45a M

Gostei imenso de trabalhar com este “instrumento”, e confesso que com a partilha continua com que me via envolvido, criou em mim como que uma necessidade de pesquisar e dar resposta a temas colocados pelos meus colegas o que por si só é condição essencial para aprender.

E20 – 54a M

Foi com grande satisfação que interagia com o docente e todos os colegas através da rede social e aprendi muito. O processo é rápido e eficaz [...] é um espaço de partilha de conteúdos não só de multimédia, vídeos, música, ou fragmentos de filmes assim como também para investigação individual e colectiva. Foi e é imprescindível para docentes, estudantes e outros usuários de rede social na promoção de discussões e debates sobre os assuntos tratados.

Na interação, surgem discursos de relações de amizade, com uma comunidade aberta a outros participantes para além dos estudantes deste curso. Situação que é entendida, por um dos estudantes como algo positivo. O que sugere que esta rede social pode impulsionar o desenvolvimento de comunidades de aprendizagem quando exista uma intencionalidade educativa explícita – situação referenciada por Franco (2012).

E20 – 54a M

Sim, a minha relação com os colegas foi boa até que permitiu termos relações boas de amizade tanto como eles e seus amigos nesta comunidade virtual.

No entanto, simultaneamente, existem outros discursos e entendimentos contraditórios em relação às potencialidades desta rede enquanto promotora de capacidade de aprendizagem de conteúdos pedagógicos. Assim, e apesar da banalização das tecnologias digitais e das redes sociais no contexto da sociedade em rede, e de se perceber que estas edificam relações e interações, há um entendimento do Facebook associado ao quotidiano trivial, apressado, superficial que, no entendimento de alguns destes estudantes, não se incorpora na exigência de um curso de grau académico superior, como um mestrado. Isso mesmo é revelado por uma estudante que considera o Facebook como um espaço de “bate papo”, caracterizado como uma comunicação “rápida”, “rasteira” e “objetiva”, situação adversa ao aprofundamento reflexivo.

E9 – 47a F

Penso que o facebook é um ambiente interessante para aprendizagens rápidas ou iniciais, o que não é o caso num curso de mestrado, onde penso que o ambiente deve propiciar um aprofundamento das discussões. Não creio que num ambiente (facebook) que utiliza comunicação mais rápida, rasteira, objetiva,

do estilo “bate papo” seja o melhor ambiente virtual para o aprofundamento de questões de estudo num curso de mestrado. Penso que o momento “bate papo” (facebook) é um espaço informal de aprendizagem e de inter-relacionamento entre os integrantes do curso...

E19 – 59a M

O meu entendimento sempre foi que o Facebook era excelente para publicitar, enfatizando, portanto, a informação para consumo imediato e não particularmente orientado para a discussão e diálogo em delay. Por isso, claramente tive dificuldades em me adaptar e perceber o que se pretendia.

Destacamos, ainda, a dificuldade no manuseamento da informação manifestada por um dos estudantes desta investigação como sendo algo “constrangedor”, mas visto como um problema pessoal de gestão da informação.

E13 – 46a M

No entanto foi constrangedor em diversas situações que não encontrava os comentários ou mesmo a sequência das mesmas. Mas assumo que foi um problema pessoal de capacidade de gestão e a demasiada informação que está constantemente a surgir na minha página.

4.2 | Iniciativa e Autonomia

Nos novos modelos de ensino-aprendizagem, o estudante é construtor ativo do conhecimento, o que significa que ele deve ter uma postura ativa no processo de aprendizagem e que lhe deverá ser dada autonomia para que possa fazer esse percurso. Neste sentido, procuramos perceber como estes estudantes se posicionam, relativamente à sua iniciativa na escolha das temáticas, tópicos ou conteúdos a desenvolver e à autonomia que sentiram, por exemplo, na

seleção dos recursos e na gestão das suas participações.

Relativamente à iniciativa, os discursos permitem perceber que o *Facebook* possibilita a iniciativa de participação e sugerem mesmo que o sistema de resposta parece mais fácil, nomeadamente por facilitar a ordenação das intervenções e perceber o sentido do debate e das ideias anteriormente apresentadas. Por outro lado, a possibilidade de colocar “Gosto” (*Like*) permite outras formas de participação, sem necessidade de que esta seja formalizada com um comentário escrito. Isto permite conceber o *Facebook* como um “espaço mais aberto e mais acolhedor da exposição livre” e tratar os conteúdos formais de espaço de aula de uma maneira mais informal ainda que mantendo as exigências de rigor e qualidade do processo de ensino.

E16 – 34a M

(...) o desenvolvimento das questões/provocações lançadas pelo professor tornou este espaço mais aberto e mais acolhedor da exposição livre dos meus pontos de vista, o que provavelmente não poderia acontecer no espaço da plataforma, ou seja, a ideia de a aula estar a acontecer numa rede social também me ajudou a tratar os assuntos de uma maneira mais informal ao mesmo tempo que a seriedade estava lá.

E1 – 39a F

Pareceu-me mais fácil o sistema de “resposta” aos temas e às questões que se vão colocando. É fácil fazer um novo comentário e encadear toda a discussão sem nos perdermos da nossa linha de pensamento nem da do nosso colega.

E13 – 46a M

Mas acompanhei todos os comentários dos colegas, gostando (like) de alguns mesmo não estando ativo na conversa.

Numa combinação de iniciativa e autonomia, os estudantes vão afirmando que a rede social lhes permitiu assumirem a responsabilidade pelo início dos tópicos de discussão, orientando os mesmos de acordo com os seus interesses pessoais. E uma vez mais, a busca de outras fontes e recursos, principalmente digitais, surge referida como facilitada pela flexibilidade permitida pelo *Facebook*.

E2 – 35a F

Senti a responsabilidade de lançar os tópicos da discussão e de os fundamentar corretamente com o auxílio da bibliografia e de escolher tópicos que me fossem úteis para o meu desenvolvimento profissional.

E8 – 45a F

Embora as discussões tivessem sido orientadas sobre um tema, esse tema era suficientemente abrangente para que pudesse abordar algo mais específico de interesse pessoal.

E10 – 57a F

Poucas questões lancei à comunidade virtual, poderia ter tido uma intervenção mais interativa, mas fui escolhendo os temas que considerei mais relevantes.

E3 – 43a M

*(...) a abertura foi total e até recomendada a outras fontes e formatos dos recursos, principalmente digitais, facilitadas pela flexibilidade do meio de comunicação *Facebook*.*

A questão da autonomia aparece ainda associada ao facto dos estudantes procurarem fundamentar as suas posições não só com os recursos fornecidos, mas também com a pesquisa de outros recursos, nomeadamente quando necessitam de responder a desafios colocados pelo docente ou pelos

colegas.

E10 – 57a F

(...) senti que nos era permitida bastante autonomia, pois havia uma gama relativamente vasta de recursos fornecidos, para além de outros que poderíamos convocar para fundamentar as nossas posições.

E11 – 45a M

De facto não tinha essa noção, mas quando alguém nos coloca um tema para refletir sobre ele dá-nos como que um incentivo para procurar logo uma resposta adequada ao mesmo, e isso proporciona autonomia na escolha e gestão das participações.

Mas, num registo de novo aparentemente contraditório, há estudantes que afirmam ter tido algumas dificuldades com a gestão do “tempo de oportunidade”, pois chegavam atrasados para tomarem a iniciativa de lançar um tema, dado que já outros o tinham feito. A falta de tempo aparece ainda associada à dificuldade de pesquisarem nas diversas fontes, apesar de afirmarem que tinham autonomia para o fazer. Paralelamente, há ainda quem mostre dificuldade em tomar a iniciativa na escolha das temáticas, tópicos ou conteúdos e no assumir da autonomia, justificando esta situação com o facto de não terem conhecimentos sobre os temas em discussão.

E2 – 35a F

Senti que tinha plena autonomia para pesquisar nas diversas fontes e para as seleccionar mas, pessoalmente, não fiz por falta de tempo para analisar a informação e sintetizá-la de modo a colocá-la em posts que fossem curtos e cheios de conteúdo.

E11 – 45a M

No início confesso que senti algumas dificuldades, pois quando eu pensava lançar um tópico ou tema já outros colegas o tinham feito, pelo que muitas vezes optei por dar continuidade às ideias já lançadas.

E18 – 36a F

A autonomia não foi muita, pois não tinha ainda muitos conhecimentos sobre estes temas e os debates sempre tiveram prazo para acontecer.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em jeito de reflexão final e na sequência desta experiência pedagógica de utilização do Facebook na leccionação de uma unidade curricular de mestrado na Universidade Aberta, gostaríamos de tecer algumas considerações finais:

- na organização das atividades de aprendizagem parece-nos relevante, por um lado, estimular ações como a partilha de recursos em rede entre os participantes, privilegiar a utilização de materiais multimédia e audiovisuais; fomentar a realização de comentários mais sintéticos e aceitar que as intervenções possam assumir diferentes formatos. Por outro lado, parece-nos de evitar os modelos de organização curricular “pré-digitais” rígidos, subjacente a conteúdos estáticos sob o controlo do professor. Isto, porque temos indicações, a partir desta experiência exploratória, que os estudantes reconhecem estes espaços como novos contextos de aprendizagem e manifestam interesse numa discussão mais descontraída das temáticas.
- embora o docente deva permitir o acesso a recursos de aprendizagem fundamentais, o material disponibilizado e recomendado não deverá ser de tal forma numeroso que impeça ou limite a iniciativa e a autonomia dos estudantes, pois estes deverão ter a possibilidade de desenvolver e aprofundar autonomamente os diversos pontos de discussão.
- percebido, de uma maneira geral, como um contexto inovador de aprendizagem, o *Facebook* permite implementar um processo de aprendizagem que vise o aprofundamento de conceitos e temáticas, não só no contexto específico de conteúdos formais da unidade curricular, mas também a partir de um contexto mais lato de exercício da “cidadania”.
- tal como referem, Llorens e Capdeferr (2011), conclui-se que do ponto de vista da aprendizagem colaborativa o *Facebook* tem uma enorme capaci-

dade de fundamentar valores a partir de um objetivo comum, associado ao facto de conceber sentimentos de pertença e de aprendizagem social.

- é possível nesta rede social o desenvolvimento de comunidades de aprendizagem desde que exista uma intencionalidade educativa explícita – situação igualmente referenciada por Franco (2012).
- ao longo desta experiência pedagógica, percebemos ainda a existência de sentimentos contraditórios em relação ao Facebook, pelo que a sua utilização no contexto de aprendizagem formal não pode ser percebida de forma linear. Assim, se a familiaridade com esta rede social é positiva para o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, iniciativa e autonomia, por outro lado, a perceção do *Facebook* como um espaço informal do quotidiano, pode dificultar que este seja percebido como um ambiente adequado para a implementação de conteúdos formais, de aprofundamento concetual, nomeadamente tratando-se de um curso de 2º ciclo. Deste modo, parece-nos que o professor deve ter um cuidado especial na explicitação dos objetivos a alcançar com as atividades, as quais deverão ter em conta o ambiente de trabalho e principalmente é necessário perceber o tipo de perceção que os estudantes têm sobre o *Facebook*.

Os resultados reforçam outras pesquisas efetuadas em Portugal (Patrício & Gonçalves, 2010) sobre o potencial educativo do *Facebook*, mostrando que o mesmo pode ser utilizado para estimular uma participação ativa dos estudantes na sua própria aprendizagem, na partilha de informação e na geração de conhecimento.

Se reconhecermos que os ambientes virtuais são ferramentas inovadoras para a criação de comunidades de aprendizagem é preciso aceitar a necessidade

de novas perspectivas na criação de contextos de aprendizagem, em que exista uma diversificação dos espaços de ensino, adotando modelos mais ou menos formais, ou seja, associando espaços fechados a espaços abertos de aprendizagem colaborativa, como as redes sociais na *internet*, de que é exemplo o *Facebook*.

6 | REFERÊNCIAS

- Alias, N. et al. (2013). Effectiveness of Facebook based learning to enhance creativity among islamic studies students by employng Isman instructional design model. *The Turkish Online Journal of Educational Technology*, 12(1), 60-67.
- Alonso, F. et al. (2005). An instructional model for web-based e-learning education with a blended learning process approach. *British Journal of Educational Technology*, 36(2), 217-235.
- Basso, M. et al. (2013). Redes sociais: espaço de aprendizagem digital cooperativo. *Conjectura: Filosofia e Educação*, 18(1), 135-149.
- Chu, M. & Meulemans, Y. (2008). The problems and potencial of Myspace and Facebook usage in academic libraries. *Internet Reference Services Quarterly*, 13 (1), 69-76.
- Franco, I. (2012). Redes sociais e a EAD. In M. Fredric & M. Formiga (Orgs.). *Educação a Distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson.
- Garrison, D. & Kanuca, H. (2004). Blended Learning: Uncovering its Transformative Potential in Higher Education. *The Internet and Higher Education*, 7(2), 95-105.
- Kaufman, S. (2010). *6 Steps To Effective Self Learning*. Disponível em <<http://www.pickthebrain.com/blog/6-steps-to-effective-self-learning/>>. Acesso a 5/12/2012.
- Lima Santos, N. et al. (2000). Educação e aprendizagem de adultos: Avaliação do autoconceito de competência cognitiva e da autoaprendizagem. *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación*, 6(4), 649-656.

- Llorens, F. & Capdefers, N. (2011). Posibilidades de la plataforma Facebook para el aprendizaje colaborativo en línea. *Revista de Universidad y Sociedad del Conocimiento*, 8(2), 31-45.
- Menon, V. (2012). Using a Facebook group for interactive clinical learning. *IeJSME*, 6(1), 21-23.
- Moreira, J.A. & Januário, S. (2014). Redes Sociais e Educação. In C. Porto & E. Santos (Coord.). *Facebook e Educação: publicar, curtir e compartilhar* (pp. 67-84). Campina Grande: Editora da Universidade Estadual da Paraíba.
- Nyhan, B. (1996). *Desenvolver a capacidade de aprendizagem das pessoas: Perspectivas europeias sobre a competência de auto-aprendizagem e mudança tecnológica*. Caldas da Rainha: Eurotecnet.
- Parlamento Europeu e Conselho da União Europeia (2006). *Recomendação do Parlamento Europeu e do Conselho, de 18 de Dezembro de 2006 sobre as competências essenciais para a aprendizagem ao longo da vida*.
- Patrício R. & Gonçalves, V. (2010). *Facebook: rede social educativa?* Biblioteca Digital IPB *online*. Lisboa: Universidade de Lisboa; Instituto de Educação.
- Pellizzari, P. (2012). Facebook as an academic learning platform: a case study in Mathematics. *Economics Research Paper*, 1, 1-23.
- Recuero, R. (2009). *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina.
- Schroeder, J. & Greenbowe, T. (2009). The chemistry of Facebook: using social networking to create an online community for the organic chemistry. *Innovate: Journal of Online Education*, 5(4), 22-31.

- Sol, P. & Moreira, J.A. (2012). A construção de objetos de aprendizagem multimédia: o protótipo Laboratório Virtual. *Atas da Conferência Ibérica em Inovação na Educação com TIC, ieTIC 2012*, 354-368.
- Vieira, C.P. et al. (2013). Comunicação em Ambientes Online de Aprendizagem: Apercepção de estudantes de cursos de pós-graduação. *Revista EDaPECI*, 13(2), 216-233.